

UMA “DESTRUIÇÃO” DA ESTÉTICA: AGAMBEN E A CRISE DA ARTE

Felipe Almeida de Camargo (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Wagner Della Costa Félix (Orientador), e-mail: ra96246@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, PR.

Filosofia e História da Filosofia

Palavras-chave: “Destruição”, Estética, Arte.

Resumo:

O objetivo deste artigo é abordar a noção de “Destruição” da estética filosófica ocidental como uma posição que inaugura um modo de reflexão filosófica sobre a arte moderna a partir do ensaio intitulado *O homem sem conteúdo*, obra que estreia a carreira filosófica do filósofo italiano Giorgio Agamben. Nosso fio condutor é o conceito heideggeriano de “Destruição fenomenológica”, tal como explicitado por Leland de la Durantaye em seu livro de introdução crítica à filosofia de Agamben (em que recolhe de inúmeros textos as raízes filológicas dos conceitos trabalhados por Agamben ao longo de suas obras). A crise da arte surgiria como uma evidência geral apreendida no discurso hegeliano sobre o “fim da arte”. Tanto Heidegger quanto Agamben retomam a reflexão de Hegel sobre o fim da arte, para ambos o que está em jogo é a verdade do ser na obra de arte.

Introdução

O pensador norte-americano Leland de la Durantaye, em seu volumoso livro de introdução crítica à obra filosófica de Giorgio Agamben – intitulado *Giorgio Agamben: a critical introduction* (2009) –, comenta um fato curioso sobre ele. Em meados da década de sessenta, Agamben teve o privilégio de conhecer ninguém menos do que o filósofo Martin Heidegger em alguns seminários que, atendendo um convite de seu amigo, o poeta francês René Char, Heidegger presidira em França: seminários esses restritos a um pequeno público de intelectuais. Durantaye relata que após Heidegger ser banido da carreira na docência pela Autoridade de Controle Aliado em 1945, devido ao seu engajamento com o regime nazista, o pensador só se aposentou oficialmente cinco anos depois, na década de cinquenta, encaminhando-se para a Floresta Negra no interior da Alemanha, onde se retraiu numa cabana com sua esposa, Elfriede Petri. No entanto, na década de sessenta Heidegger seria recebido pelo poeta francês René Char na comuna francesa Le Thor. Ali uma série de pequenos seminários tomaram lugar primeiro em 1966, depois em 1968 e por fim em 1969. Acompanhando

esses encontros havia um italiano recém graduado em Direito que nunca mais seria o mesmo. De Heidegger teria vindo, portanto, a influência decisiva sobre Agamben, que então o despertara para a vocação de filosofar. Considerando tais fatos, é natural esperar encontrar nas primeiras obras de Agamben mais do que uma interlocução com as questões filosóficas que Heidegger estaria meditando em sua última fase. Uma dessas questões, a da perda do enraizamento no espírito da Modernidade, concentraria uma abertura de espaço para problematizar sobre o esquecimento da arte ocidental na época moderna. O “esquecimento da arte” é uma expressão que aparece na primeira obra do filósofo italiano Giorgio Agamben, *O homem sem conteúdo*, publicada pela primeira vez em 1970 com o título: *L'uomo senza contenuto*. No ensaio que estreia sua carreira filosófica Agamben principia com uma questão que colocaria em relevo a singularidade da época estética: mais especificamente, a “época estética” é atravessada por uma crise da concepção moderna da obra de arte; trata-se de um momento não apenas historicamente delimitado, mas culturalmente determinado no interior das sociedades ocidentais. Na esteira de pensadores como Hegel e Heidegger, Agamben intenta sondar o destino da arte moderna recém desvelado na época estética.

Materiais e métodos

Os nossos materiais são os próprios textos ou discursos filosóficos disponíveis e pertinentes para os propósitos do nosso estudo. O método empregado em nossa pesquisa consiste numa leitura interpretativa do ensaio *O homem sem conteúdo*, de Agamben, além de consultas mais pontuais a um quadro de referências composto por obras literárias filosóficas e artísticas que ajudam a encarar mais radicalmente o problema do esquecimento da arte na “época estética”.

Resultados e Discussão

Uma das principais consequências que a leitura do texto de Durantaye permite depreender é a de que a “Destruição” da estética proposta por Agamben em sua primeira obra nada faz senão retomar a ideia de uma “Destruição fenomenológica”, articulada por Heidegger em *Ser e Tempo*. O conceito heideggeriano de *phenomenologischen Destruktion* (traduzido do alemão: “Destruição fenomenológica”) cumpre a função de método na assim chamada “primeira fase” de pensamento de Heidegger. Na tradução pela editora Vozes da obra *Ser e Tempo*, tal método é apresentado no tomo I, capítulo 2, seção 6 – também chamada “A tarefa de uma destruição da história da ontologia”. Essa “destruição” seria uma maneira excepcional de debruçar-se diante da herança legada por uma tradição de pensamento, permitindo desmontar e esquadrihar essa herança por dentro, observando seus elementos intrínsecos. No caso de Agamben, o seu conceito de “Destruição” move uma questão ontológica dentro do domínio da Filosofia da Arte, isto é, “destruir a estética” no entender de Agamben significa tomar

como objeto de especulação as construções conceituais sobre a arte ocidental erigidas até então, refazendo a genealogia dos valores estéticos e descortinando de uma maneira a mais radical os problemas, falhas e defeitos intrínsecos ao projeto estético da Modernidade.

Conclusões

Grosso modo, a “crise da arte” seria a situação na qual a obra de arte (para a concepção moderna) se desenraizou, isto é, acabou perdendo o seu espaço concreto e com este a vigência de sua verdadeira essência, sendo então atirada na direção de uma indeterminação que a afastou do seu significado originário. A iniciativa de uma “Destruição da estética” adere a um posicionamento radical que almeja desobscurecer os problemas da arte moderna, entre eles o da crise da arte que, por conta da sua complexidade e profundidade, impõe a necessidade de uma abordagem confrontadora e questionadora da origem daqueles conceitos estéticos habituais, que geralmente não se revelam como problemáticos desde os seus fundamentos, quando na verdade eles o são.

Agradecimentos

Deixo meus agradecimentos ao PIBIC/CNPq-FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA-UEM pelo incentivo através da bolsa de iniciação à pesquisa na área de Filosofia e História da Filosofia, e ao meu orientador, prof. Wagner Della Costa Félix, por acatar a minha iniciativa com o tema desse projeto de pesquisa.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O homem sem conteúdo**. Trad. de Claudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2012a.
- _____. **L'uomo senza contenuto**. Roma: Quodlibet, 1994.
- ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. Trad. Monica Stahel e Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- DIDEROT, Denis. **O Sobrinho de Rameau**. Trad. Marilena de Souza Chauí e J. Guinsburg. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- DURANTAYE, Leland de la. **Giorgio Agamben: a critical introduction**. California: Stanford, 2009.
- HEGEL, G. W. F. **Cursos de Estética I**. Trad. Oliver Tolle e Marco Aurelio Werle. São Paulo: Edusp, 2001.
- HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. In: **Caminhos de floresta**. Trad. Irene Borges-Duarte & Filipa Pedroso. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002a.
- _____. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 2005.
- HONORÉ, Balzac. **A Obra-prima ignorada**. Trad. Dorothee de Bruchard e Rejane de Janowitz. Porto Alegre: L&PM, 2012b.

30º Encontro Anual de Iniciação Científica
10º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



11 e 12 de novembro de
2021

WIND, Edgar. **Arte e Anarchia**. Trad. Juan Rodolfo Wilcock. Milão, Itália:
Adelphi, 1985.